

## Moção Sectorial: Crise Económica

A Maioria dos Países do Mundo, especialmente os países europeus e os EUA, vivem desde 2008 uma forte crise económica. Considera-se que é uma das piores crises da história mundial. Portugal não conseguiu ficar alheio a esta conjuntura, contudo não sofreu tantas consequências como outros países europeus e os EUA.

A crise económica mundial é desembocada por um ciclo marcado pela prevalência absoluta do mercado e pela liberdade para os fluxos de capitais.

É um movimento semelhante ao que dominou o mundo do início do século 20, até à Primeira Grande Guerra. Depois, houve uma transição que culminou na crise de 1929. Segue uma fase de perda até ao acordo de Breton Woods, quando se criaram as bases do modelo que vigorou até 1972 – de paridade do dólar com o ouro e de câmbio fixo. Naquele ano, o governo Nixon decretou o fim da paridade.

Evolutivamente, à flexibilização dos mercados somou-se uma extraordinária expansão da poupança mundial. O dinheiro passou a circular livremente, em torno de um princípio básico: identificar activos baratos, comprar e vender depois que se valorizassem.

Em parte esse movimento foi estimulado pelos Bancos Centrais porque pela ausência de regulação sobre a moeda, os BCs pautaram a sua política de juros pelas metas de inflação. Este fenómeno coincidiu com a emergência da China e os seus produtos de baixo custo juntamente à moeda depreciada. De um lado, a China ajudava a conter a inflação mundial; de outro a financiar os défices dos Estados Unidos (externo e interno).

Com a tranquilidade proporcionada pela China, os BCs derrubaram os juros globalmente e o efeito imediato foi a elevação geométrica nos preços dos activos reais, devido à forma de calcular o valor dos activos. Despoletou-se uma cascata de consequências, que culmina agora com a crise do crédito, provavelmente a última desse ciclo de liberalização financeira.

Em 2008, Portugal teve um deficit orçamental de 2,6% do PIB, sendo que a meta europeia estava fixada nos 3%. Esta situação originou a uma menor capacidade de compra, o que levou ao fecho e à deslocalização de muitas empresas, originando um maior desemprego e, conseqüentemente, a um menor poder de compra numa claro ciclo vicioso.

A pobreza em Portugal tem vindo a aumentar drasticamente e os serviços de apoio à pobreza tem vindo a receber mais pedidos, para os quais a capacidade de resposta já

não é uma garantia.

O Governo criou apoios para combater este problema: o complemento solidário para idosos; o Inov Jovem, que tem como objectivo a concessão de estágios a jovens que estejam a procura do primeiro trabalho e jovens que estejam a procura de novo emprego; um subsídio extra para ajudar as famílias que estão desempregadas; e algumas medidas a nível social para aliviar o momento de crise que vivemos.

Contudo isto não chega e temos que implementar mais medidas. Consideramos que a solução se deve orientar em vários sentidos.

Primeiramente, nos investimentos públicos, pois existe uma falta de confiança das empresas para investimento; e para o consumo das famílias, no relançamento da economia e na promoção do emprego que depende, fundamentalmente, do reforço e da aceleração do investimento público. Foi essa a lição da resposta keynesiana à Grande Depressão, e é essa a estratégia recomendada pelos mais reputados economistas, como o Prémio Nobel Paul Krugman. É esse o caminho que tem sido seguido na Europa, e em todos os países desenvolvidos. De facto, a evolução da crise exige que se privilegiem os projectos que possam ter rápida concretização, já em 2010 e 2011. De facto, a rapidez da resposta faz parte da solução.

Em segundo lugar, apoiar as famílias e reforçar a protecção

social. Neste momento de grandes dificuldades, impõe-se essa atenção especial e isso foi uma das principais linhas de resposta do Governo a esta crise.

Para além das medidas sociais em curso, em especial de combate à pobreza entre os idosos e de apoio à família, e a par de todo este esforço que o governo tem que fazer, deve existir nos jovens uma acção empreendedora, tornando-nos mais inovadores e reactivos à crise. Temos, portanto, que gerar e operacionalizar iniciativas com objectivos concretos e apostar na formação contínua para podermos vencer e dar uma verdadeira resposta socialista à crise que atravessamos.

A JS FAUL terá que ter como prioridade esta questão como um dos maiores problemas de Portugal e de grande parte dos países do Mundo, dinamizando debates e delineando respostas viáveis e eficientes.

A JS FAUL tem de ser proactiva e atender às famílias em condições precárias e aos jovens desempregados.

A JS FAUL tem que estar atenta e solidárias às grandes questões que afectam o País e o Mundo pensando no presente e preparando o futuro!

Viva JS!

Viva PS!

Viva Portugal!

Subscritores:

Richad Majid

Rui Cabral

Cláudia Lobato

Mónica Vilarinho

Ana Gandarez

Marco Silva

Débora Lerenó

Claudia Duarte

Marta Fernandes

